

GATOS, EQUÍVOCOS E DESCONHECIMENTO NA DESTINAÇÃO DE ANIMAIS EM ABRIGOS: REVISÃO DA LITERATURA

VANIA PLAZA NUNES¹ & GUILHERME MARQUES SOARES²

¹Associação Brasileira De Medicos Veterinarios Especialistas Em Bem Estar Animal. E-mail para correspondência: vania.vet@gmail.com

²Universidade Severino Sombra, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: gsoaresvet@gmail.com

Abstract. Cats, misunderstandings and lack of knowledge in the destination of animals in shelters: Literature Review.

Abandoned cats are exposed to many kinds of ill-treatment, like and poisoning, and suffering, like hunger, isolation and rejection by humans. Many of these animals are taken to private or public shelters by volunteers and municipal officers. In general, in a shelter-like environment there are a high number of animals, scarce environmental, sanitary and feeding resources, inadequate handling and risk of social interactions that may compromise the welfare of sheltered cats. The evaluation of socialization spectrum of cats taken to shelters can be an important tool for initial screening and choosing of appropriate disposition track - adoption or resocialization programs, permanent housing, return-to-field or euthanasia of these animals. In Brazil, there are no records of technically based assessments considering behavior, communication and interaction levels of domestic cats in shelters. In other countries, when this analysis happens, it is usually done by using well-established stress assessment tools, in individual cage housing. In order to carry out adoption, adult cats collectively held in public shelters or in non-governmental organizations should be evaluated regarding their socialization, thus minimizing the risk of re-abandoned of those cats with a more fearful, withdraw behavior or living with a low degree of well-being. In the literature review, no evaluation instruments were found for adoption programs of adult cats where the socialization of the animals was the central point of the screening. The existence of this instrument could facilitate the destination of felines rescued from abandonment to different programs of adoption, resocialization or definitive maintenance in restricted, controlled environments and with the employment of environmental enrichment.

Key words: feline behavior, cat adoption, animal welfare, and socialization of adult cats.

Resumo. O abandono de gatos os expõe a maus tratos como envenenamento e a sofrimento como, a fome, o isolamento, e a rejeição, por parte dos humanos. O resgate de muitos desses animais ocorre por voluntários e servidores municipais que os conduzem a abrigos privados ou públicos. Em geral, nesses ambientes, encontramos um elevado número de animais, escassez de recursos ambientais, sanitários e alimentares, manejo inadequado e riscos de convívio social que comprometem o bem-estar dos gatos alojados. A avaliação do grau de socialização de gatos recolhidos em abrigos pode ser uma ferramenta importante para triagem inicial e destinação a programas de adoção, ressocialização, manutenção permanente, devolução à comunidade de origem ou a eutanásia desses animais. No Brasil não há registros na literatura de que ocorra alguma avaliação tecnicamente embasada considerando o comportamento, comunicação e expressão do gato doméstico nesses locais. Em outros países, em geral, essa análise, quando ocorre, se dá através do emprego de instrumentos de avaliação de estresse e em ambientes de alojamento individual em gaiolas. Para encaminhamento para adoção, gatos adultos recolhidos a abrigos públicos ou a organizações não governamentais, em geral são mantidos coleti-

vamente, e deveriam ser avaliados quanto a sua socialização, minimizando assim os riscos de abandono daqueles animais com temperamento mais arreado ou medrosos, ou que os mesmos vivam com baixo grau de bem-estar. Na revisão de literatura não se encontrou instrumentos de avaliação para programas de adoção de gatos adultos onde a socialização dos animais fosse o ponto central da triagem. A existência desse poderá facilitar a destinação de felinos resgatados de abandono para diferentes programas adoção, ressocialização, ou manutenção definitiva em ambientes restritos, controlados e com emprego de enriquecimento ambiental.

Palavras-chave: comportamento felino, adoção de gatos, bem-estar animal e socialização de gatos adultos.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas inúmeras mudanças ocorreram na sociedade humana, desde a forma de viver, constituir uma família, interagir com a natureza, ocupar espaços rurais e urbanos, e se relacionar com animais de estimação, entre eles os gatos. Entretanto todos os anos milhões desses animais são abandonados em todo mundo (GOURKOW & FRASER, 2006; SLATER *et al.*, 2013- a, b; GENARO, 2005)

Gatos popularmente são vistos como animais de hábitos solitários, mobilidade noturna mais intensa quando em vida livre, mas que se adaptam em pequenos ambientes quando domiciliados, e hoje em alguns países como os E.U.A. têm sua preferência para convívio tanto por pessoas solitárias, quanto famílias numerosas (BEAVER, 2005). São animais de comportamento peculiar, alta sensibilidade às mudanças ambientais mesmo as aparentemente suaves ou simples, podendo apresentar comportamentos indesejados pelos tutores. Esses comportamentos podem ser equivocadamente interpretados, levando os humanos a atitudes que podem comprometer a

segurança e o bem-estar desses animais. (PAIXÃO & MACHADO, 2015; GENARO, 2005)

O estudo do comportamento animal tem se mostrado uma ferramenta muito eficiente quando se busca, a partir do entendimento do comportamento natural dos animais, entender suas necessidades, sua expressividade, e a adotar e aplicar ações que promovam o bem-estar dos animais (DYBDALL *et al.*, 2007). Pouco é divulgado a sociedade sobre informações e conhecimento que possam auxiliar no entendimento das necessidades biológicas, no reconhecimento do comportamento natural de animais, e muitas interpretações equivocadas baseadas em crenças questionáveis e negativas sobre o gato, levam ao abandono de milhares de animais todo ano em todo mundo (PAIXÃO & MACHADO, 2015; SOUZA-DANTAS, 2010).

Recolhidos a abrigos de serviços municipais ou de organizações não governamentais (ONGs) a grande maioria desses animais passa a viver em ambientes coletivos pobres em recursos básicos à espécie, sendo condenados, em especial os adultos, a ali viverem por falta de ações

efetivas que possam minimizar o abandono e reconduzir os animais em condições adequadas de saúde e comportamento e a nova oportunidade de um lar (DYBDALL *et al.*, 2007). No Brasil assim como os E.U.A., Reino Unido e Canadá, entre outros países com números expressivos de gatos, não existe a prática da avaliação do grau de socialização ou de estresse dos gatos recolhidos em abrigos, mesmo nos governamentais, embora naqueles centros alguns trabalhos apontem essa necessidade como rotina, nas atividades de resgate de gatos, em especial adultos (SIEGFORD *et al.*, 2003; SLATER *et al.*, 2013- a e b; DYBDALL, *et al.* 2007).

Os serviços de controle animal, sejam eles públicos ou privados, em geral têm entre seus quadros funcionais trabalhadores e eventualmente técnicos que pouco ou nada compreendem do comportamento natural do gato doméstico (VIEIRA *et al.* 2009; GARCIA *et al.*, 2008). O conhecimento empregado por esses indivíduos ao lidar com gatos, em geral, ou vem de práticas leigas ou rotineiras que possuem com seus próprios animais ou de pessoas próximas, ou então é adquirido de colegas em situações e atividades semelhantes.

Em relação a cães, existem técnicas consagradas de avaliação comportamental que auxiliam a triar animais com perfil de maior docilidade classificando animais destinados a adoção, outros com perfil mais agressivo e de maior risco de ataque a humanos e outros animais, que deverão passar por programas específicos de re-socialização, nos quais as

alterações comportamentais são complexas, exigindo recursos materiais e humanos especializados (SOARES *et al.*, 2010). Em outros casos ainda esses protocolos avaliam e triam animais que necessitarão serem supervisionados por especialistas de forma permanente em programas voltados a destinação específica para estes animais (SIEGFORD *et al.*, 2003; SLATER *et al.*, 2013- a e b; DYBDALL, *et al.* 2007). No Brasil ainda não há registros de locais onde estas práticas ocorram de forma permanente, em abrigos públicos ou particulares para animais oriundos do abandono.

Ferramentas de avaliação comportamental necessitam ser cuidadosamente testadas e ao mesmo tempo ser simples e diretas no momento da avaliação. A definição dos pontos básicos para a avaliação deve considerar o comportamento natural e os sinais de comunicação dos animais, mas também devem incluir práticas comuns na relação da comunidade com esses animais, considerando-se as necessidades de interação e manejo básicos necessários (SLATER *et al.*, 2013- a e b; DYBDALL, *et al.* 2007).

A DOMESTICAÇÃO DOS GATOS

O gato chegou ao Novo Mundo com os navegadores por ocasião da descoberta de novos continentes. Vem atravessando os séculos e passando pelas diversas fases da sociedade humana gerando comportamentos antagônicos de ódio e de amor (BEAVER, 2005; FARACO, 2013). O gato ainda hoje suscita uma postura ambígua na sociedade. Dados mundiais mostram que a

cada ano cresce o número de lares com gatos, ao mesmo tempo que, aumenta também o registro de gatos abandonados, vítimas de maus tratos, abandono, sendo reduzida a taxa de adoção, por exemplo, em relação aos cães (PAIXÃO & MACHADO, 2015). Nos E.U.A. todos os anos milhões de gatos são eliminados em abrigos públicos e privados (SLATER *et al.*, 2013- b; GENARO, 2005). De acordo com dados da ASPCA, 2018, cerca de 860.000 gatos em média são eutanasiados anualmente nos EUA. Já em países europeus como a Espanha cerca de 30.000 gatos por ano foram abandonados entre 2008 e 2013 e cerca de 23,4% desses animais foram submetidos a eutanásia (FATJÓ, 2015).

A POPULAÇÃO DE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

O Brasil é hoje o segundo país no mundo em população de cães e gatos. No Brasil tem se observado a tendência do aumento da população de gatos nos lares brasileiros (FARACO, 2013; PAIXÃO & MACHADO, 2015; GENARO, 2005). Dados recentes mostram que no Brasil, a exemplo de outros países, a população de gatos cresce de forma expressiva, sendo atualmente a metade da população canina estimada no país. Em dados publicados pelo IBGE (2013), são mais de 52 milhões e de cães e 22 milhões de gatos, mostrando que em 44,3% dos lares brasileiros existe ao menos um cão e 17,7% ao menos um gato. Foi a primeira vez que informações básicas da presença de cães e gatos em lares brasileiros passaram a fazer parte das pesquisas periódicas coletadas e publicadas para estabelecer um perfil social nacional em seus 5570 municípios (IBGE, 2013).

Esses dados demonstraram o expressivo número de exemplares da população felina em relação à estimada canina, por exemplo, quando comparados aos dados anteriores, apontados em diferentes trabalhos de avaliação ou estimativa populacional disponíveis no país (GARCIA *et al.*, 2008).

Na Europa e E.U.A., gatos são animais de companhia já há muito tempo populares, e são encontrados em grande número também em abrigos públicos e de organizações de proteção animal (SIEGFORD *et al.* 2003). No Reino Unido dados de pesquisa de Murray, 2010, já demonstravam que mesmo as estimativas na avaliação sobre empresas comerciais do mercado “pet”, a população de gatos era subestimada, e que essa população era praticamente idêntica a população de cães e numa curva crescente de interesse dos humanos com o passar das décadas em especial em classes sociais mais elevadas.

As mudanças no estilo de vida da sociedade do século XXI faz com que o interesse no gato como animal de estimação aumente, por ser interativo, limpo, necessitar menor espaço para viver, alta adaptabilidade e independência quando comparados aos cães (FARACO, 2013; MACHADO, 2017). Quando pensamos em grandes cidades com mais de 200 mil habitantes, por exemplo, podemos dizer que na maioria delas as características de uso ocupação do solo com o adensamento em número das moradias, a redução do tamanho dos imóveis, e a realidade atual de diminuição do número de membros nas famílias, a formação destas famílias cada vez mais tardiamente na vida das pessoas, vem fazendo com

que a necessidade de contato com a natureza e de companhia doméstica, possa ser alcançada pela presença, por exemplo, de um gato como membro desta nova e pequena família no país.

Atualmente em centros urbanos, os animais de estimação permanecem parte do dia sozinhos, ou em pequenos grupos uni ou multiespécie, confinados no ambiente doméstico, em especial por aspectos que garantam sua segurança (ALHO *et al.* 2012; GENARO, 2005). Entretanto, quando nos dirigimos às regiões mais periféricas encontram-se animais em especial os cães perambulando pelas ruas. No caso dos gatos por seus hábitos espécie-específicos, esses podem passar despercebidos em muitas localidades, e, no entanto, estarem vivendo em situação de abandono ou serem parcialmente negligenciados quanto a sua supervisão, cuidados básicos de alimentação e sanitários em boa parte do dia devido a seus hábitos de vida mais crepusculares e noturnos (GARCIA *et al.*, 2008).

Crenças populares levam a sociedade brasileira a discriminar a espécie felina como um animal pouco sociável e independente, que pouco interage com humanos, se acostuma com a casa e não com os tutores, por exemplo. Isso pode reduzir a possibilidade de gatos adultos serem adotados e terem a chance de conviver de forma satisfatória em uma família para promoção do bem-estar felino. Quando aceita a adoção no caso especialmente de gatos, ela ocorre preferencialmente com a escolha de filhotes.

REALIDADE DO ABANDONO DOS FELINOS

O abandono de cães e gatos é uma prática humana comum no mundo todo. Os gatos, embora animais de companhia populares, particularmente na Europa e nos E.U.A., aparecem também em números elevados correspondentes nos grandes abrigos de animais, sendo oriundos do abandono ou desinteresse dos tutores em continuar convivendo com esses animais (SIEGFORD *et al.*, 2003).

Numa pesquisa de 2014, no Reino Unido estimou-se que no período de 12 meses um total de 156.826 gatos foram recolhidos para abrigos. O estudo ainda mostrou que também ali invariavelmente as entidades protetoras sempre estão com sua capacidade máxima de ocupação para alojamento e manutenção dos felinos. Em geral as condições de cuidado e provisão de recursos básicos são precárias favorecendo que os animais apresentem problemas de saúde física, mental e comportamental (FINKA *et al.*, 2014).

Não existem dados oficiais sobre o número de abandono de cães e gatos no Brasil. A estimativa da O.M.S. (Organização Mundial da Saúde) de 2014, apontam que apenas no Brasil existem 30 milhões de cães e gatos nesta condição (2/3 de cães e 1/3 de gatos). Dados mundiais estimam que de 7 a 10% da população estimada de cães viva nas ruas de cidades de grande porte em muitas partes do mundo (ANDA, 2014). Com relação à população de gatos por faixa etária os números são ainda mais desconhecidos. Entretanto pelo crescimento da população destes ani-

mais em domicílios de acordo com dados do IBGE (2013) também nos centros urbanos, podemos estimar que o número de animais desta espécie também cresce quando o tema é o abandono. Embora não apresentando dados científicos, em maio de 2016 a revista “VEJA São Paulo”, trouxe uma matéria que pode exemplificar esses números. Segundo a publicação em média 16 animais por dia, 500 por mês e 6000 por ano são resgatados apenas por 10 das entidades de proteção e defesa animal da capital de São Paulo ouvidas na matéria, sendo variável, mas crescente, o número de gatos recolhidos.

Práticas culturais equivocadas, falta de percepção, entendimento e interpretação do comportamento natural da espécie felina, (PAIXÃO & MACHADO, 2015), são as principais razões frequentemente citadas para o abandono de gatos recolhidos para abrigos (SIEGFORD *et al.*, 2003). Muitos destes são depois de um período curto de tempo eutanasiados (SIEGFORD *et al.*, 2003).

Entre os equívocos para o abandono dos gatos está o desconhecimento da expressão natural do seu comportamento como, o de eliminação, a marcação territorial, os comportamentos de caça, reprodutivo, comportamentos agonísticos (relacionados a agressividade), comportamento social, (MACHADO, 2017), e a participação, ou não do animal como transmissor de doenças como, as zoonoses. Outros como, a incompreensão, o descompromisso ou impossibilidade dos seus tutores originais proverem cuidados básicos de alimentação, abrigo e saúde, ou questões

pontuais dos tutores como, mudança de casa, separação, morte do cuidador, problemas de saúde, aconselhamento equivocado de profissionais da saúde sobre a presença de gatos em situações específicas (gestação, processos alérgicos, doenças crônicas degenerativas de ocorrência nos seres humanos) são motivos comuns na sociedade atual que comprometem a guarda responsável dos felinos.

Um dos motivos apontados por Serpell, (1996), segundo PAIXÃO & MACHADO, (2015), é a comparação constante feita entre o comportamento de cães e gatos. Podemos dizer que, de fato, a prática do abandono em geral ocorre pela desconexão dos humanos com o compromisso de manter animais sobre sua guarda, garantindo o bem-estar animal (PAIXÃO & MACHADO, 2015).

ABANDONO E O COMPORTAMENTO FELINO

Os gatos são destinados a abrigos ou abandonados em diferentes ambientes. Estudos sobre padrões comportamentais de gatos ainda hoje são insuficientes e muitas vezes pouco esclarecedores e com acesso restrito a maioria dos tutores, para esclarecer muitos dos comportamentos naturais exibidos pelos gatos domésticos, como as diferentes formas de marcação territorial, eliminação, socialização, entre outros. Os tutores desses felinos podem por desconhecimento e falta de acesso a informações, responsabilizar os gatos por comportamentos naturais indesejados e assumirem condutas inadequadas que por equívocos na interação, manejo, comprometem o

bem-estar dos espécimes. Muitos são destinados às ruas ou negligenciados na sua guarda e acabam em abrigos sejam públicos ou de ONGs, cada vez mais lotados, e onde o bem-estar dos indivíduos alojados pode ser bem questionável pela falta de recursos básicos necessários a todos os animais alojados (SOUZA-DANTAS, 2010).

Muitos dos animais recolhidos e mantidos em abrigos podem parecer receosos, mas na verdade, podem estar ocultando um alto grau de estresse, em especial pelo ambiente onde se encontram (FRASCH, 1999). Em geral esses animais podem mudar completamente de comportamento e estado emocional quando levados para uma casa que ofereça a possibilidade de um manejo humanitário, num ambiente confortável e uma família inclusiva e comprometida com o bem-estar daquele animal, tornando-se animais extrovertidos e sociais. Avaliações de temperamento, por exemplo, se forem adequadamente realizadas, podem auxiliar na escolha da família de adotantes sendo esta cuidadosamente acompanhada (SIEGFORD *et al.*, 2003). Em outras situações poderá se encontrar o inverso, animais que na verdade são receosos, mas com um bom programa de ressocialização poderão ampliar sua gama de comportamentos positivos e interativos com o ambiente e os humanos que ali convivem, mesmo quando da necessidade de manutenção dos gatos, sobre controle permanente em abrigos enriquecidos (DA GRAÇA & FRAGOSO, 2010).

No Brasil, parte dos gatos abandonados é resgatada por entidades de proteção animal (ONGs), por protetores ou cuidadores voluntários

e eventualmente pelos serviços municipais de controle animal de acordo com protocolos locais por eles definidos. Os demais permanecem em condições insatisfatórias para sua sobrevivência estando expostos a inúmeras condições de privação quanto a alimentação, cuidados, abrigo, e sendo alvo de maus tratos. Os animais recolhidos passam a compor uma população de animais que vivem em condições inadequadas com comprometimento variável ao seu bem-estar (GOURKOW & FRASER, 2006).

Os abrigos de animais são constituídos ou por locais específicos definidos nos serviços municipais de controle animal, e em um grande número de casos, sem atender as necessidades comportamentais dos animais, ou o ambiente previsto para alojamento é adaptado de forma improvisada para gatos, em geral não atendendo às necessidades mínimas ao bem-estar desses animais (REICHMANN *et al.*, 2000; VIEIRA *et al.*, 2009). Nesses locais podemos observar a grande população de gatos em alojamento ou em pequenos e insuficientes recintos como gaiolas, cercados, ou abrigo em locais coletivos com recursos escassos ou inexistentes e uma grande quantidade de animais com comportamentos inadequados, vigília e comportamento de estresse constante, adoecimento, agressividade, e mesmo muitas mortes (GOURKOW & FRASER, 2006).

Abrigos de animais resgatados por ONGs em países como na Dinamarca sempre buscam manter gatos de forma definitiva ou transitória até sua destinação a lares e famílias, só encaminhando para eutanásia animais doentes ou que

apresentam problemas graves de medo e sofrimento pelo confinamento, após um tempo determinado, onde se comprova que o animal não tem possibilidade de recuperação (HOFF, 2009). Mesmo animais ferais são recolhidos e podem ser mantidos de forma definitiva nestes locais se eles se mostrarem adaptados (HOFF, 2009). Essa prática guarda muita semelhança com a maneira das ONGs e cuidadores brasileiros lidarem com o problema, onde, a eutanásia por problemas comportamentais nesses ambientes praticamente inexistente, assim como a avaliação comportamental dos gatos recolhidos.

Gatos adultos e mais velhos geralmente não despertam interesse em programas de adoção, ficando meses em situações variadas que podem se iniciar com estresse, medo e evoluir para doenças e que levarão muitas vezes o animal a óbito, ou então desenvolverem comportamentos agressivos que os condenarão à eutanásia (SALMAN *et al.*, 1998).

O estudo de GOURKOW & FRASER (2006) mostrou que a estratégia motivadora para ampliar a adoção de gatos em abrigos americanos foi combinar manejo consistente com diferentes opções de alojamento. Segundo os autores o estresse para gatos recolhidos em abrigos pode estar presente em situações de alojamento coletivo no caso de gatos tímidos, idosos, muito jovens, gatos com baixa socialização com outros gatos, e com certeza situações de estresse transitório que ocorrem quando um novo gato entra no abrigo, gerando situações não conhecidas e envolvendo o bem-estar de todos os animais de

forma transitória ou mesmo em situações bem específicas como a superlotação e a falta de recursos ambientais de forma permanente. GOURKOW & FRASER, (2006) concluíram que a forma de alojar, o enriquecimento e o manejo etológico e humanitário dos animais, contribuíram de forma marcante, para redução do estresse, medo, e tornaram o animal melhor adaptado e relaxado, conduziram o gato mais rapidamente a estar pronto para a inclusão em programas de adoção específicos.

Um ponto comum aos abrigos de animais na América do Norte é a preocupação com a incidência de doenças entre os animais alojados, portanto, a escolha por alojamento em gaiolas individuais para gatos resgatados de abandono é uma prática comum (GOURKOW & FRASER, 2006). Entretanto, de acordo com GOURKOW & FRASER, (2006), uma série de comportamentos podem ser observados, indicando bem-estar reduzido manifestando-se como agressividade, hipervigilância, autolimpeza e vocalização excessiva, recusa de alimento, apatia, baixa imunidade, quando gatos são alojados em gaiolas individuais comprometendo o resultado do trabalho proposto de resgate e melhoria das condições dos gatos. Da mesma forma, alojar gatos em ambientes coletivos pensando no enriquecimento social e espacial pode também significar uma fonte adicional de estresse para gatos tímidos, muito jovens ou mais idosos (GOURKOW & FRASER, 2006).

Outros fatores podem aumentar ou diminuir a ocorrência de estresse em abrigos: como forma de acomodação, disponibilização de espa-

ço e pontos de fuga, forma de alojamento, presença de enriquecimento ambiental e estruturas mínimas necessárias para expressão comportamental dos gatos, manejo dos animais, forma de interação, tom de voz e movimentação, práticas afetivas dos cuidadores de interação como carícias, e brincadeiras (GOURKOW & FRASER, 2006). Entretanto, o treinamento e a capacitação sobre essas práticas e sua importância não é algo que ocorra como rotina em países como os E.U.A. a não ser em situações e locais específicos. Estudos mostram que gatos mais brincalhões e ativos têm uma maior tendência a adoção. (GOURKOW & FRASER, 2006).

GATOS RESGATADOS E MANTIDOS EM ABRIGOS

A origem dos animais recolhidos em abrigos pode ser múltipla, e a necessidade de evitar acúmulo de animais é uma constante. Em países como nos E.U.A. muitos dos gatos resgatados de abandono assim como no Brasil têm sua história completamente desconhecida e o comportamento destes animais podem variar de dóceis a ferais. A ausência de instrumentos de avaliação do grau de socialização, podem juntamente com situações de estresse e medo a que estes animais foram submetidos levar a equívocos na interpretação de seu comportamento e a definição precoce de sua destinação (SLATER *et al.*, 2013- a e b).

Tanto gatos dóceis, mas transitoriamente enfrentando medo ou vivenciando um ambiente desconhecido e intimidador, quantos outros animais, com baixo grau de socialização primária

ou feral, podem ser considerados inadequados para programas de adoção. Quando mantidos em ambientes desafiadores ao seu bem-estar, como abrigos, privados de recursos mínimos necessários ou em quantidade insuficiente a todos os animais alojados, poderá ser ampliado o gradiente de desconforto e incapacidade de adaptação dos gatos (SLATER *et al.*, 2013-a). Gatos adultos podem passar longos períodos em abrigos de animais antes da adoção e serem mantidos em ambientes empobrecidos, seja quanto a recursos, seja quanto à sua necessidade de manejo etológico, comprometendo seu bem-estar (GOURKOW & FRASER, 2006). Mesmo gatos castrados apresentam características comportamentais distintas entre machos e fêmeas que independem portanto, da ação hormonal reprodutiva. Geram então um padrão que define características da espécie que é comum aos indivíduos de um grupo, por exemplo (DE OLIVEIRA, 2002).

ADOÇÃO DE GATOS

A adoção de animais é um tema que gera muita discussão por diferentes aspectos, por ser um importante pilar do controle das populações de animais de estimação. O incentivo a adoção ao invés da compra, vem crescendo nas diferentes cidades e estados do Brasil como uma conduta correta ao se pensar em obter um animal para companhia. Entretanto, o número de adoções é amplamente maior no caso de filhotes do que adultos, fazendo com que muitos animais permaneçam por um longo período de tempo em abrigos e expostos a diferentes situações negativas ao seu bem-estar. Faltam dados publica-

dos que espelhem a realidade nacional, estadual ou municipal, do número de animais adotados anualmente, mas relatos informais das entidades de proteção animal em diferentes localidades do país apontam essa realidade em mudança e de forma animadora (SOTO *et al.*, 2005).

No caso dos gatos a situação é semelhante. No entanto a necessidade de cuidados na adoção de adultos pode ser ainda mais complexa e necessita de atenção complementar. Um desses cuidados se refere à correta avaliação da socialização do felino, com humanos. Aqueles que os adotam em geral esperam que este processo seja positivo para ambos (GOURKOW & FRASER, 2006).

A adoção de animais de estimação, como gatos, faz parte das recomendações e estratégias para estabelecimento de políticas públicas municipais de acordo com o Programa de Controle das Populações de Cães e Gatos do Estado de São Paulo (VIEIRA *et al.*, 2009). Segundo o programa, a adoção, é um processo que permite aos animais não resgatados por seus antigos tutores, possam depois de recuperados e triados, serem destinados à adoção segundo protocolos que garantam sua saúde física, mental e comportamental. A adoção deve ser voluntária, consciente e legalmente definida e registrada nos organismos municipais de controle animal (VIEIRA *et al.*, 2009).

Ainda segundo o programa, os animais devem estar socializados de acordo com sua faixa etária, serem avaliados quanto a não serem

animais que promovam agravos aos seres humanos e devem ser previstos programas de adoção para os animais independente de sua faixa etária, e ainda com mecanismos de avaliação comportamental dos animais destinados à adoção, além daqueles que promovam e recuperem a saúde dos animais abrigados. Nesse processo, a promoção da socialização dos animais com humanos, a diferentes estímulos ambientais, a manejo e presença de enriquecimento ambiental deverá ser observada (VIEIRA *et al.*, 2009). O enriquecimento ambiental é um processo dinâmico onde através de mudanças na estrutura dos ambientes e nas práticas de manejo busca-se aumentar as chances de escolha dos animais, estimulando comportamentos e habilidades característicos da espécie, promovendo aumento nos níveis de bem-estar psicológico e fisiológico considerando a perspectiva da biologia comportamental e a história natural dos animais cativos (YOUNG, 2003). Entre as possibilidades de enriquecimento ambiental está o social que pode ser interespecífico e busca ampliar a expressão dos comportamentos naturais do animal, promovendo seu bem-estar através da interação do animal com humanos (MACHADO, 2017).

Além dos médicos veterinários envolvidos nessas atividades, também os demais funcionários e voluntários que interagem com os animais, desde o resgate até a destinação final, devem ser capacitados com ferramentas que auxiliem e ampliem a capacidade de aprimoramento tanto na interface com a população como no desempenho das atividades diretamente ligadas

ao manejo, cuidado e avaliação dos animais (VIEIRA *et al.*, 2009; GARCIA *et al.*, 2008).

A adoção de gatos domésticos, em especial adultos, é baixa em todo mundo. Quando recolhidos em diferentes tipos de abrigos, em geral a manutenção pode ser por longos ou definitivos períodos de tempo, em especial no Brasil, (SOUZA-DANTAS, 2010), onde alternativas como a eutanásia de animais saudáveis não são mais permitidas por lei em serviços públicos de controle animal em estados como o de São Paulo onde a prática condenável está proibida desde 2008 por lei estadual. Diferentemente em outros países como nos E.U.A., a eliminação de animais saudáveis e adotáveis é comum em muitos estados, mesmo nos abrigos de animais recolhidos pelos diversos motivos de abandono (SLATER, 2013 a e b). Nas ONGs brasileiras essa prática não ocorre.

A manutenção de animais em abrigos de forma permanente é uma realidade muito comum no país, não existindo programas de adoção específicos em especial quando se pensa em gatos adultos, levando a uma grande população permanente de gatos nesses ambientes. Os estudos de comportamento tem sido uma fonte central para conhecimento e aprimoramento das necessidades dos gatos para promoção ou melhoria do bem-estar animal, no entanto, a disponibilização de ferramentas simples para auxiliar na recondução de animais abrigados para novos lares é escassa ou inexistente. Buscar alternativas que possam contribuir com a minimização dos períodos de internação em abrigos coletivos como a adoção de gatos adultos além da possibi-

lidade de melhoria do bem-estar do animal, auxilia a minimizar a falta ou insuficiência constante de recursos nos abrigos, o que contribui para o aparecimento de distúrbios comportamentais e doenças que poderão ser permanentes em ambientes empobrecidos e com muitos indivíduos (SOUZA-DANTAS, 2010; GOURKOW, 2006; SLATER *et al.*, 2013-a e b).

É importante que existam programas de adoção para animais saudáveis e sociáveis independente da faixa etária, contribuindo com a diminuição de riscos de doenças diversas, e a manutenção de quadros de estresse, medo, sofrimento que diminuem o bem-estar dos gatos residentes em abrigos por longos períodos (PAIXÃO & MACHADO, 2015). Para um programa de adoção diferentes fatores podem contribuir na facilitação do processo, algum ligado as características físicas dos animais como cor, tamanho, peso, sexo, raça, e em especial, sua socialização com humanos, capacidade lúdica e interativa com o ambiente (PAIXÃO & MACHADO, 2015).

Experiências recentes em Portugal têm inclusive demonstrado a possibilidade de condicionamento comportamental para animais ferais que são recolhidos das ruas sejam jovens ou adultos, fazendo com que o animal passe a viver em um ambiente mais previsível, quando da presença de humanos e escalonadamente passem por etapas de um condicionamento clássico que conduza a seu comportamento físico e neuroendócrino mais estável e equilibrado. Desta forma, mesmo animais que forem mantidos abrigados de forma definitiva podem ter a chance de um

convívio mais harmonioso com os desafios do entorno, em especial no convívio com os seres humanos (DA GRAÇA & FRAGOSO, 2010).

PROGRAMAS DE ADOÇÃO

Nos programas de adoção é fundamental que todos os envolvidos tenham perspectivas realistas para a melhor destinação dos animais em questão (OVERALL *et al.*, 2005). Quando pensamos em animais adultos, a avaliação do potencial de socialização dos gatos facilita a destinação próxima, encaminhamento a programas de adoção; a médio prazo, a programas de ressocialização; ou a longo prazo, manutenção de animais em abrigos monitorados e com manejo etológico e humanitário de maneira definitiva.

Todo esse processo deve fazer parte tanto de programas de controle animal em diferentes municípios e entidades de proteção e defesa dos animais, como de discussões para definição de políticas públicas e capacitação/ habilitação de pessoal responsável pelas atividades de manejo dos animais nos diferentes ambientes de alojamento dos felinos domésticos. Esses cuidados ajudam a compreender as responsabilidades de todos os envolvidos no manejo com animais no abrigo, nos responsáveis pelos cuidados veterinários, na destinação para famílias em diferentes lares e situações, e prevenindo equívocos, seja na recepção e manejo, assim como na destinação de animais, em especial quanto ao bem-estar de cada gato envolvido.

Um fator relevante para adoção de gatos adultos é informar sobre os pontos importantes

a serem considerados na adoção destes animais como fonte inesgotável do suporte emocional, companheirismo e discríção dos gatos, sendo agentes importantes de manutenção da conexão social entre os indivíduos inter-espécies promovendo um suporte emocional adicional em especial na agitada vida humana da atualidade (PAIXÃO & MACHADO, 2015).

BEM-ESTAR ANIMAL

Boa parte dos problemas atuais em relação à criação animal, entendendo aqui também, a manutenção de animais em abrigos, prescinde de uma investigação comportamental para que se busque uma solução quando necessária (FRASER, 2010).

Sabidamente os erros de interpretação no comportamento natural dos animais pelos humanos é um ponto chave que pode comprometer o bem-estar de animais como os gatos, condenando-os ou aos maus tratos e/ou abandono (FRASER, 2010). Também pessoas que trabalham com esses animais, sejam médicos veterinários sejam funcionários públicos como oficiais de controle animal, (VIEIRA *et al.*, 2009), sejam protetores ou cuidadores voluntários de animais, precisam estar capacitados em conceitos do comportamento da espécie necessitando de treinamento, habilidade, e experiência prática para que o resultado do trabalho em si, que é garantir acesso aos recursos necessários ao animal e uma interação comportamental/social adequada, seja com indivíduos da mesma espécie ou de outras, entre elas a humana, alcance seus objetivos (FRASER,

2010; GARCIA *et al.*, 2008).

O comportamento é um importante indicador do grau de bem-estar em qualquer espécie animal e hoje estão disponíveis conhecimentos da etologia e psicologia que nos dão informação sobre o sistema sensorial, controle motor, aspectos neuroendocrinofisiológicos, estrutura social, motivação, adaptação, entre outros que necessitam ser transformados em propostas aplicáveis na promoção do bem-estar e qualidade de vida dos animais (FRASER, 2010). Portanto, utilizar mecanismos de avaliação do comportamento animal, considerando seu comportamento natural, formas de comunicação de seu estado afetivo, e providências para ampliar a possibilidade de promover o bem-estar dos animais que estiver comprometido é algo sempre a ser buscado quando os animais estão em locais destinados a sua restrição de mobilidade e ao seu cuidado (FRASER, 2010).

De acordo com BROOM & FRASER (2010), uma das áreas do conhecimento geral do comportamento que auxilia na explicação de tais problemas, seja para animais de produção ou os de companhia, são as maneiras através das quais, uma experiência precoce afeta o desenvolvimento do comportamento.

SOCIALIZAÇÃO EM GATOS

A socialização é um processo fundamental no desenvolvimento dos animais, que ocorre nas fases precoces da vida, logo após o período neonatal que permite ao animal mudanças de comportamento como resultado da exposição

envolvendo pessoas, outros animais e novos ambientes, promovendo potenciais vantagens para seu desenvolvimento (OVERALL *et al.*, 2005; BEAVER, 2005; GENARO, 2005).

É denominado de “período sensível”, o estágio de desenvolvimento no qual um animal tem um risco de desenvolver temores, ansiedade, se o animal não tiver oportunidade através da experimentação, para aprender a modular respostas com os estímulos ambientais que recebe (OVERALL *et al.*, 2005; BEAVER, 2005; GENARO, 2005).

O período de socialização nos gatos pode ser classicamente dividido em primário e tardio (SOUZA-DANTAS, 2010). O período primário varia quanto a duração entre os diferentes autores, do 9º dia a 9ª semana para outros, da 3ª a 8ª semana, e se caracteriza pela fase na qual os vínculos sociais com a mesma e outras espécies, entre elas a humana ocorre (SOUZA-DANTAS, 2010). Portanto, ocorrendo precocemente na vida dos felinos se comparado a dos cães (OVERALL *et al.*, 2005; BEAVER, 2005; GENARO, 2005). Quando, o contato e convívio ocorrem de forma positiva, a interpretação e as relações sociais favoráveis se estabelecem. Este período pode ter duração variável também de acordo com o ambiente, o contato materno e fraternal, e ser mais ou menos estressante ao indivíduo.

O medo de pessoas é inibido através da exposição de forma orientada a diferentes indivíduos nesta fase, de forma controlada e progressiva. Quando o processo ocorre de forma positiva,

ou seja, a interação do filhote com humano ocorre de forma satisfatória, resulta em um aumento na vontade de se aproximar dos humanos e será mantida, persistindo na idade adulta (OVERALL *et al.*, 2005; GENARO, 2005). Quando nesse período o ambiente e contato social é desafiador o comportamento de medo, fobia, agressividade e timidez excessiva, podem se estabelecer, tornando-se marcantes na vida do animal, se mantendo na idade adulta (SOUZA-DANTAS, 2010).

A socialização tardia não apresenta uma precisão temporal no desenvolvimento do animal, estando em geral identificada na fase juvenil ou adolescente onde fatores como o ambiente, a gonadectomia e a raça podem influenciar na ocorrência e definição e intensidade (SOUZA-DANTAS, 2010).

Os gatos obtêm os benefícios da socialização quando muito jovens (2 a 5 semanas de idade), e a exposição a seres humanos podem ajudar a ensinar o animal como aprender com novos estímulos ao longo da vida. A menos que os animais tenham sido impedidos, estímulos típicos, geralmente retêm alguma plasticidade, ou seja, mantém a capacidade de recuperação ao longo da vida, por ter experimentado alguma socialização. Ao contrário se os gatos forem excluídos das interações e manipulação por seres humanos de 2 a 9 semanas de idade, há risco de interagir mal com os seres humanos por toda vida (OVERALL *et al.*, 2005; GENARO, 2005).

Variáveis genéticas afetam alguns aspectos

do temperamento dos gatos domésticos. Por exemplo, os descendentes de pais ousados tendem a seguir o temperamento dos pais, assim como aqueles no caso de pais tímidos. Os filhotes de pais amigáveis tendem em geral a serem mais rápidos para se aproximar, tocar e esfregar em pessoas (OVERALL *et al.*, 2005).

Gatos com bom grau de socialização vão buscar interagir com humanos mesmo desconhecidos se comportando com mais segurança e confiança, e esses têm uma alta probabilidade quando recolhidos em abrigos de manter esse comportamento sociável. Outros mesmo com boa socialização dependendo da história de vida que tiveram até ali, idade e o quanto foram desafiados nessa interação durante o período anterior do recolhimento, poderão ter comportamentos mais receosos, evitar contato direto, se esconder e até atacar humanos desconhecidos (HOFF, 2009; GENARO, 2005).

KESSLER & TURNER (1997), observaram que cerca de um terço dos gatos admitidos em gatis e avaliados imediatamente após o recolhimento, mantiveram-se levemente tensos indicando algum grau de estresse por até duas semanas nos abrigos onde foram recolhidos, embora, a diminuição do estresse inicial aconteceu de forma importante após os primeiros três dias de alojamento. Entretanto, nesse mesmo estudo observaram ainda que 4% do total de animais recolhidos mantiveram-se mesmo após esse mesmo período em alto grau de tensão ou estresse.

AVALIAÇÃO COMPORTAMENTAL DE GATOS QUANTO À SOCIALIZAÇÃO.

O comportamento individual de gatos pode ser alterado durante a vida devido às experiências vivenciadas pelo desenvolvimento intra-uterino, o convívio e interação materno, o período de socialização e as experiências vivenciadas ao longo da vida, (SOUZA-DANTAS, 2010), que podem ser positivas ou negativas, impregnando na memória dos animais, possibilidades de resposta, ao experimentar novos contatos com a mesma situação. Fatores desencadeadores de estresse, adoecimento, e outros promotores de bem-estar animal atendendo as necessidades dos animais, não apenas quanto aos recursos ambientais e de suporte a vida, mas também os necessários para expressão comportamental, contato social com outras espécies entre elas a humana, são alguns dos pontos que compõem uma rede de possibilidades para definição do comportamento do gato adulto que podem torná-los adotáveis ou não, mesmo quando adultos. (SOUZA-DANTAS, 2010).

No levantamento feito sobre o tema avaliação comportamental do grau de socialização de gatos domésticos adultos, poucos artigos foram encontrados (SLATER *et al.*, 2013- a e b; GOURKOW & FRASER, 2006; HOFF, 2009; SIEGFORD *et al.*, 2003).

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO COMPORTAMENTAL

Diferentes ferramentas de avaliação do grau de socialização para cães encontram-se disponibilizadas, sendo seu emprego muito difundido em muitos países, mas no Brasil poucos são os

municípios que empregam esses instrumentos de avaliação comportamental, em suas atividades diárias, condenando milhões de cães a serem mantidos em condições variáveis de manejo e manutenção, em geral com baixo grau de bem estar e todas as consequências negativas relativas ao alojamento permanente desses animais seja em serviços oficiais de controle animal, seja em ONGs (PANACHÃO, 2012). Diferentes testes são empregados em países da Europa e EUA para avaliação do comportamento de cães e avaliação da agressividade desses animais há mais de 20 anos, entretanto muitos destes testes, não tem validação e os resultados encontrados são tão imprecisos ou equivocadas que sua empregabilidade deveria ser revista. (PATRONEK & BRADLEY, 2016).

A oportunidade de interagir com os cães de forma agradável e regular como com brincadeiras, passeios, jogos, e treinamento podem ser na verdade instrumentos mais importantes na avaliação do comportamento desses animais aliado ao histórico disponível do animal, facilitando uma destinação mais segura, pois podem minimizar problemas de abandono e maus tratos aos animais e acidentes com os humanos, no caso da adoção (PATRONEK & BRADLEY, 2016).

É pequena a quantidade de estudos nos quais a avaliação comportamental dos gatos auxilia na interpretação do comportamento, socialização, temperamento, grau de estresse, e é empregada como um facilitador para o encaminhamento de animais para programas de adoção (SLATER *et al.*, 2013- a e b; GOURKOW,

2006; HOFF, 2009; SIEGFORD *et al.*, 2003). Testes de avaliação de socialização, temperamento não são muito utilizados como forma de facilitar a análise do comportamento animal para destinação para programas de adoção por famílias, o que facilitaria a garantia de compatibilidade entre ambos, gatos e humanos. (SIEGFORD *et al.*, 2003). SIEGFORD *et al.*, (2003) sugeriram um teste com dosagem de cortisol salivar basal, testado em gatos com mais de 8 meses, ou seja, a partir da classificação de adultos jovens, sendo neste estudo as avaliações feitas em ambientes familiares aos gatos, onde foram comparados os níveis do cortisol basal com o comportamento expresso pelos animais nas interações com os humanos em dois momentos, pré e após a adoção.

A realidade brasileira mostra um ambiente bem mais simples e diverso, com muita dificuldade de acesso a recursos como os de capacitação, apoio laboratorial, número de profissionais, facilidade de acesso, para se sugerir algo eficiente, mas pouco aplicável a realidade nacional. Por isso, alternativas mais simples e práticas precisam ser propostas.

CONCLUSÃO

A realidade brasileira com número crescente de gatos abandonados e que necessitam ser reconduzidos a lares e famílias responsáveis, aliado ao número elevado desses animais em abrigos, sejam públicos ou de ONGs, mostra a necessidade urgente do desenvolvimento de ferramentas auxiliares de manejo destinadas á triagem desses animais, como facilitador para pro-

gramas exitosos de adoção.

Através da triagem comportamental, classificando o grau de socialização de gatos, se poderá por exemplo categorizar os indivíduos em grupos para a adoção, a ressocialização e outro para aqueles que necessitam ser mantidos em ambientes restritos e controlados devido a seu baixo grau de socialização. Desta forma a condução mais segura de animais a situações de melhoria ou aumento de seu grau de bem-estar poderá ser facilitada.

REFERÊNCIAS

- ALHO, A. M. P. V. 2012. **O enriquecimento ambiental como estratégia de tratamento e prevenção da cistite idiopática felina.** Tese de Doutorado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Medicina Veterinária, Lisboa, Portugal, 144 p.
- ANDA- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DE DIREITOS ANIMAIS. 2014. Disponível em: <https://anda.jus-brasil.com.br/noticias/100681698/brasil-tem-30-milhoes-de-animais-abandonados>. - Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.
- ASPCA - AMERICAN SOCIETY FOR PREVENTION CRUELTHY TO ANIMALS-US 2018. Disponível em: <https://www.aspc.org/animal-homelessness/shelter-intake-and-surrender>- Acesso em: 15 de março de 2018.
- BEAVER, B. V. 2005. **Comportamento Felino-Um Guia para Veterinários.** Editora Roca,

São Paulo, 372p.

- Da GRAÇA P.G. & FRAGOSO, S. 2010. In: **Proceedings of the 16th Congress of the ES-VCE (European Society of Veterinary Clinical Ethology)/ 7th Congress of the ECVBM-CA (European College of Veterinary Behavioural Medicine-Companion Animals)/ Annual Congress of the GT-VMT (German Society of Veterinary Behavioural Medicine and Therapy)**, Hamburg, Germany.
- DE OLIVEIRA, A. P. F. 2002. **Comportamento Social de machos e fêmeas castrados do gao doméstico (Felis catus L.) em confinamento**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 123p.
- DYBDALL, K.; STRASSER, R. & KATZ, T. 2007. Behavioral differences between owner surrender and stray domestic cats after entering an animal shelter. **Applied Animal Behaviour Science** **104**(1): 85-94.
- FARACO, C. B. & SOARES, G. M. 2013. **Fundamentos do comportamento animal canino e felino**: Editora Medvet, São Paulo. 242p.
- FATJÓ, J.; BOWEN, J.; GARCIA, E.; CALVO, P. & RUEDA, S. 2015. **Epidemiology of Dog and Cat Abandonment in Spain (2008–2013)**. *Animals (Basel)* 2015 Jun; 5(2): 426–441.
- FINKA, L. R.; ELLIS, S. L.H. & STAVISKY, J. 2014. A critically appraised topic (CAT) to compare the effects of single and multi-cat housing on physiological and behavioural measures of stress in domestic cats in confined environments. **BMC veterinary research** **10**(73): 1-11.
- FRASCH, P. D.; OTTO, S. K.; LSEN, K. M. & ERNEST, P. A. 1999. State animal anti-cruelty statutes: An overview. **Animal L.** **69**. Disponível em: <https://www.animallaw.info/article/state-animal-anti-cruelty-statutes-overview-0>. – Acesso em: 10 de dezembro de 2016.
- FRASER, A. F. & BROOM, D. M. 2010. **Comportamento e bem-estar de animais domésticos**. Manole- 4ª edição, São Paulo, 438p.
- GARCIA, R.C.M.; MALDONADO, N.C. & LOMBARDI, A. 2008. Controle Populacional De Cães E Gatos, Aspectos éticos, **Ciência veterinária dos trópicos** **11**(suplemento 1): 106-110.
- GENARO, G. 2005. Gato doméstico—comportamento e clínica veterinária. **MedveP**, p. 3.
- GOURKOW, N. & FRASER, D. 2006. The effect of housing and handling practices on the welfare, behaviour and selection of domestic cats (*Felissylvestriscatus*) by adopters in an animal shelter. **UFAW-Universities Federation for Animal Welfare** **15**: 371-377.
- HOFF, A. 2009. **Final Report of the BScABT education: Clicker Training of shelter cats**. Disponível em: <http://misbehaving.dk/>

wp-content/uploads/2013/08/Clicker-training-of-Shelter-cats-FINAL31.pdf.
- Acesso em: 10 de dezembro de 2016.

- IBGE. 2013. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000002194060612201506180294064.pdf> - Acesso em: 31 de janeiro de 2017.
- KESSLER, M. R. & TURNER, D. C. 1997. Stress and adaptation of cats (*Felis silvestris catus*) housed singly, in pairs and in groups in boarding catteries. **Animal Welfare** 6(3): 243-254.
- MACHADO, D. S.; MACIEL, T. T.; MACHADO, J. C. & SANTOS-PREZOTO, H. H. 2017. Interação entre gatos domésticos (*Felis silvestris catus* Linnaeus, 1758) cativos e seres humanos. **Revista Brasileira de Zootecias** 18(1): 67-72.
- MURRAY, J. K.; BROWNE, W. J.; ROBERTS, M. A.; WHITMARSH, A. & GRUFFYDD-JONES, T. J. 2010. Number and ownership profiles of cats and dogs in the U.K. **Veterinary Record** 166(6): 163-168.
- OVERALL, K. L.; RODAN, I.; BEAVER, B. V.; CARMY, H.; CROWELL-DAVIS, S.; HIRD, N.; KUDRAK, S. & WEXLER-MITCHEL, E. 2005. Feline behavior guidelines from the American Association of Feline Practitioners. **Journal of the American Veterinary Medical Association** 227(1): 70-84.
- PAIXÃO, R. L. & MACHADO, J. C. 2015. Conexões entre o comportamento do gato doméstico e casos de maus-tratos, abandono e não adoção. **Revista Brasileira de Direito Animal** 10(20): 137-168.
- PANACHÃO, L. I. 2012. **Acompanhamento de adoções de cães realizadas em Centros de Controle de Zoonoses do Estado de São Paulo**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 94p.
- PATRONEK, G. J. & BRADLEY, J. 2016. No better than flipping a coin: Reconsidering canine behavior evaluations in animal shelters. **Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research** 15: 66-77.
- REICHMANN, M. L. A. B. 2000. **Orientação para projetos de Centros de Controle de Zoonoses**. In: Manual Técnico do Instituto Pasteur. São Paulo (Estado) Secretaria da Saúde. Instituto Pasteur, São Paulo, 45p.
- SALMAN, M. D.; NEW, J. G.; SCARLETT, J. M.; KASS, P. H.; RUCH-GALLIE, R. & HETTS, S. 1998. Human and animal factors related to relinquishment of dogs and cats in 12 selected animal shelters in the United States. **Journal of Applied Animal Welfare Science** 1(3): 207-226.
- SIEGFORD, J. M.; WALSHAW, S. O.; BRUNNER, P. & ZANELLA, A. J. 2003. Validation of a temperament test for domestic cats. **Anthrozoös** 16(4): 332-351.

- SLATER-, M.; GARRISON, L.; MILLER, K.; WEISS, E.; MAKOLINSKI, K.; DRAIN, N. & MIRONTSHUK, A. 2013a. Practical physical and behavioral measures to assess the socialization spectrum of cats in a shelter-like setting during a three day period. **Animals** **3**(4): 1162-1193.
- SLATER, M.; GARRISON, L.; MILLER, K.; WEISS, E.; DRAIN, N. & MIRONTSHUK, A. 2013b. Physical and behavioral measures that predict cats' socialization in an animal shelter environment during a three day period. **Animals** **3**(4): 1215-1228.
- SOARES, G. M.; PEREIRA, J. T. & PAIXÃO, R. L. 2010. Estudo exploratório da síndrome de ansiedade de separação em cães de apartamento. **Ciência Rural** **40**(3): 548-553.
- SOTO, F. R. M.; FERREIRA, F.; PINHEIRO, S. R.; NOGARI, F.; RISSETO, M. F.; SOUZA, O. & AMAKU, M. 2005. Adoption of Shelter Dogs in a Brazilian Community: Assessing the Caretaker Profile. **Journal Of Applied Animal Welfare Science** **8**(2): 105-116.
- SOUZA-DANTAS, L. M. 2010. **Comportamento social de gatos domésticos e sua relação com a clínica médica veterinária e o bem-estar animal**. Tese de Doutorado Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 139p.
- VEJA- São Paulo. 2016. **“Por que os abandonamos, Covardia Animal”**. **Veja** **18**(49), Editora Abril.
- VIEIRA, A. M. L. 2009. **Programa de controle de populações de cães e gatos do estado de São Paulo**. In: BEPA, São Paulo, 159p.
- YOUNG, R. J. 2003. **Environmental enrichment for captive animals**. Oxford: Blackwell Science, Oxford, United Kindon, 228p.

Recebido: 23/02/2018

Revisado: 30/03/2018

Aceito: 25/04/2018